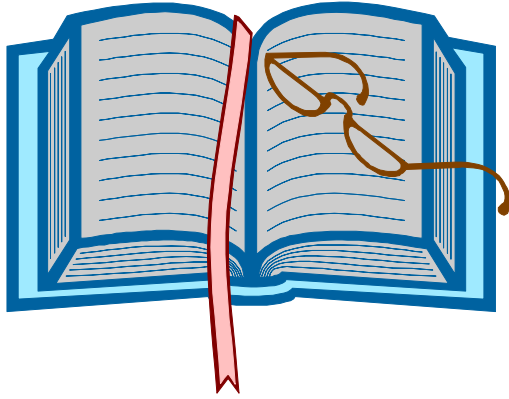


Arnold Doolan



A EPISTOLA DE JUDAS

EDIÇÃO DE:

REFRIGERIO



- TÍTULO:* A EPÍSTOLA DE JUDAS.
- AUTOR:* ARNOLD DOOLAN.
- TRADUÇÃO:* Joel Pereira.
- EDITOR:* **REFRIGÉRIO**
Av. João de Deus, 1486 — 4500-389 Espinho, Portugal
- TIRAGEM:* 200 exemplares.
- COPYRIGHTS:* O Autor e o Editor autorizam a divulgação, no todo ou em parte, do presente opúsculo, desde que a fonte seja devidamente citada. Proibida a reprodução para fins comerciais ou edição em livro.
- 1.ª EDIÇÃO* 1996.
Edição em PDF, 2000, www.irmaos.net/refrigerio/

A EPISTOLA DE JUDAS

INTRODUÇÃO

O AUTOR DA EPISTOLA

Irmão de Tiago (v.1), Judas (Hb. Yehudah), um dos filhos de José e Maria, mãe de Jesus (Mc. 6:3; At. 1:14). Tal como o seu irmão Tiago, Judas não explora a sua parentela com o Senhor Jesus. O relacionamento espiritual era mais importante. Jesus disse: *“todo aquele que faz a vontade de Meu Pai que está no céu é Meu irmão e irmã e mãe”* (Mat. 12:50).

Judas tomou o lugar de SERVO. Durante o ministério do Senhor Jesus na terra, os seus irmãos na carne não creram nEle (João 7:5). Depois da ressurreição, Tiago converteu-se (1Cor. 15:7) e podemos pensar que Judas também se terá convertido na mesma altura. Judas (de acordo com a história) foi casado e a sua esposa o acompanhava no percurso itinerante da pregação do seu marido. (1Cor. 9:5).

O DESTINATÁRIO

Judas não menciona o nome dos destinatários desta carta. Trata-se de uma carta “geral”, pensando-se que tenha sido enviada a uma igreja local.



O «PORQUÊ» DESTA CARTA

O propósito desta carta é denunciar determinadas heresias que tinham invadido a Igreja. Ele está preocupado com elas, porque conduzem à apostasia. Mesmo nestes anos primitivos, a Igreja tinha sido infiltrada por homens que

aparentando ser servos de Deus, eram, na realidade, inimigos da Cruz de Cristo. Judas procurou expor estes traidores e descrever a sua perversidade.

PARALELISMO

Durante o estudo desta carta, e comparando com o segundo capítulo da 2.ª epístola de Pedro, verificará que existem versículos similares. Eis uma lista desses versículos paralelos:

<u>Judas</u>		<u>2.º cap. de 2 Pedro</u>
vers. 4		vers.. 2:1-3
vers. 6		vers. 2:2-4
vers. 7		vers. 2:6
vers. 8		vers. 2:9-10
vers. 9		vers. 2:11
vers. 10		vers. 2:12
vers. 12		vers. 2:13,17
vers. 16		vers. 2:18

I. A SAUDAÇÃO

Versos 1 e 2

Judas não nos refere onde os seus leitores residem, mas fornece-nos três descrições singulares do significado de ser Cristão. Os cristãos são chamados de “*queridos em Deus Pai*” e “*conservados por Jesus Cristo*”.

PRIMEIRO - Um cristão é uma pessoa chamada para fora do mundo pelo poder do Evangelho para pertencer a Deus e servi-Lo. 2Ts. 2:13,14 torna isto bastante claro - de que Deus nos escolheu, nos chamou e igualmente nos separou (santificou) pelo Espírito Santo para sermos o seu povo especial e puro. Os mistérios da Soberana graça de Deus, ao nos escolher, eger e sermos Seus, está para além de qualquer espécie de compreensão humana, e não é aconselhável fazer deles a base de argumentações e divisões — “*Os segredos pertencem ao Senhor, nosso Deus*” - Deut. 29:29.

SEGUNDO - Um cristão é uma pessoa que é “querida em Deus Pai”. A maravilha do amor de Deus está para além da nossa compreensão. Esta frase significa que o cristão é objecto da plenitude do amor de Deus. O cristão que deposita a sua confiança em Deus-Pai, é envolto na magnificência do afecto e amor do Pai.

TERCEIRO - Um cristão é aquele que é conservado (guardado) por Jesus Cristo. Nenhuma dúvida pode ocorrer quanto à segurança eterna do crente. Ele não só é “querido em Deus Pai”, como também é guardado com segurança no Senhor Jesus Cristo. A palavra “*conservado*” é igualmente usada em Judas 6 e 13, traduzida por “reservado”, referindo-se aos anjos caídos e apóstatas que Deus preserva para julgamento. A palavra é usada igualmente no v. 21 - «*conservai-vos a vós mesmos*». O Senhor está a preservar os seus filhos para a Glória. Um antigo escritor disse que “Jesus Cristo é a arca onde as jóias de Deus são guardadas”.

Uma vez que os filhos de Deus são santificados e preservados, eles são recipientes das Suas Bênçãos, misericórdia, paz e amor. Deus, na Sua grande Misericórdia não nos dá aquilo que merecemos. Pelo contrário. Ele transitou a punição a que estávamos submetidos, para o Seu Único Filho, na Cruz — Isaias 53:4,5. «Misericórdia» (grego, *eleos*), pode ser definida como uma graça imerecida em favor de indivíduos desprovidos de qualquer valor, e que o Senhor os restaurou à comunhão com Ele Próprio. Graças à obra sacrificial de Jesus Cristo na Cruz, os crentes podem gozar a paz com Deus, Romanos 5:1. A pessoa ainda não-salva está em guerra com Deus e não pode agradá-Lo, Rom. 8:7,8. Mas quando ela confia no Salvador, a guerra termina e recebe a paz de Deus. É por isto que a saudação normal dos judeus, ainda nos dias de hoje, é *Shalom*, isto é *Paz*..

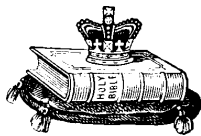
Judas também deseja para os seus leitores, caridade (amor) - uma realização e experiência contínua do amor de Deus, Rom. 5:5. Ele deseja que estas três bênçãos sejam multiplicadas, não medidas por adição, mas por multiplicação.

II . O PERIGO

Versos 3 e 4

VERSO 3 - Judas não tinha a intenção de escrever este tipo de carta. A sua intenção original era escrever acerca da salvação gloriosa que é a possessão comum de cada crente. Porém, quando ouviu das perigosas heresias que estavam a entrar na Igreja, foi guiado pelo Espírito Santo para escrever acerca da guerra a travar contra as forças do mal que estavam a invadir a Igreja.

É mais fácil para um pregador encorajar os crentes, do que denunciar as heresias e os apóstatas. Por isso, para Judas, um simples ensaio doutrinal não servia - tinha que ser uma carta com um forte e fervoroso apelo que fortalecesse os crentes. Quando o inimigo está no campo, o vigia não deve dormir. A vida cristã é um campo de batalha, não um campo de jogos.



Os crentes, nos dias de Judas, e igualmente nos nossos dias, devem «batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos». No cumprimento deste dever, ele deve actuar sempre como um cristão. Como Paulo escreveu, “*ao servo do Senhor não convém contender, mas sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, paciente.*” (2 Tim.

2:24).

A fé pela qual devemos batalhar é o corpo de doutrina contida na Bíblia, o ministério apostólico e o ensino dado à Igreja, Actos 2:42. Notai que o ensino foi dado *uma vez*. O corpo de doutrina é completo, e nada mais pode ser acrescentado. Quando alguns pregadores proclamam que receberam e detêm uma “nova revelação” que está para além do que está escrito na Bíblia, devemos rejeitá-lo. A fé foi dada e nós não precisamos de nada mais.

VERSO 4 - A NATUREZA DO PERIGO

Os falsos mestres introduzem-se em segredo. A tradução brasileira actualizada do texto grego diz: “*Certos indivíduos se introduziram com dissimulação*”. Ocultamente, secretamente. O perigo vem de dentro da Igreja e não de fora. A pergunta a fazer é a seguinte: Como é possível que tais pessoas entrem na Igreja, como podem os falsos mestres introduzir-se nas assembleias dos santos ? Eles podem introduzir-se quando os líderes espirituais das assembleias se tornam complacentes e passivos, quando é despendido mais tempo na discussão de assuntos insignificantes, em vez de lutar pela fé.

Há duas características principais que identificam este tipo de pessoas:

- 1).A sua Conduta Depravada;
- 2).A sua doutrina corrupta.

Na sua atitude, converteram a graça de Deus em devassidão ou imoralidade. Confundem liberdade cristã com libertinagem e pervertem a liberdade do serviço em liberdade para pecar.

Na sua doutrina, negam o Senhor Deus e o Seu Filho, o Nosso Senhor Jesus Cristo. Negam o seu direito absoluto de reger e governar. Negam a sua Deidade, a sua morte sacrificial e substitutiva, a Sua Ressurreição. De facto, negam toda a doutrina essencial da Sua Pessoa e da Sua Obra. Quem são estas pessoas ? E será que ainda hoje existem ? A resposta é SIM — elas existem em todas as formas de liberalismo que negam e se opõem ao evangelho. O evangelho puro e simples ensina que a salvação alcança-se pelo precioso sangue de Cristo, e que a justificação opera-se pela fé unicamente em Jesus Cristo, como Salvador e Senhor.

Também existem em toda a forma de pregação e que oferece a redenção sem a Cruz, e salvação sem arrependimento. Existem em toda a forma de ensino que se afaste da verdade neo-testamentária e da simplicidade dos irmãos se reunirem em Nome do Senhor Jesus. Podem ser supostos ministros do Evangelho, mas é um evangelho feito à sua imagem. Podem deter posições de liderança na Igreja, com títulos expressivos ou podem ser professores em seminários teológicos. Todos têm

uma coisa em comum — são contra o Cristo da Bíblia, e inventaram para si próprios um «Cristo» liberal e neo-ortodoxo, feito à sua imagem e semelhança; um «Cristo» extirpado de glória, majestade, domínio e autoridade.

Afaste-se destes homens. Cuidado ! Podem parecer «anjos de luz» ou surgir sob a capa do ecumenismo defraudado. A Bíblia diz que são «homens ímpios». A palavra «ímpios» (grego, *asébês*) é usada igualmente por Pedro para descrever aqueles que foram destruídos no dilúvio e aqueles que morreram em Sodoma e Gomorra (2Pedro 2:5,6). Notai igualmente que a palavra «homens» não é a forma masculina (que no grego é «*anêr*»), mas é a palavra neutra «*anthropos*», que tanto significa homem como mulher.

III . OS HOMENS PERIGOSOS

Versos 5 a 16

Judas prossegue apresentando uma série de exemplos para avisar os crentes dos perigos de dar ouvidos aos falsos mestres, ou mesmo permitindo que os mesmos se instalem no meio deles. Os três exemplos são extraídos do Antigo Testamento, por isso, conhecidos dos crentes. Mas, apesar de conhecidos, os crentes carecem de recordar que há sempre retribuição para a transgressão, e que o pecado envolve, inevitavelmente, o respectivo julgamento. Rom. 15:4; 1Cor. 10:11.

VERSO 5 - A LIBERTAÇÃO DE ISRAEL

O primeiro exemplo é extraído da remota história de Israel. Êxodo 14:27 relata-nos que Deus, no Seu grandioso poder, libertou o povo de Israel do Egito e destruiu os seus inimigos. Porém, quando estavam perante a Terra Prometida, em vez de confiar plenamente em Deus, decidiram que não eram capazes de conquistar a terra, Num. 13:11; 14:1-4. Por causa da sua incredulidade, Deus declarou que iriam peregrinar no deserto durante quarenta anos, até que todos os homens que se tinham recusado a confiar no Senhor tivessem morrido, Num. 4:22,23,32. Tinham experimentado a salvação de Deus, mas não estavam dispostos a confiar nEle — por

isso, morreram no deserto. Judas sublinha que foi o Senhor Quem os salvou, e foi também o Senhor Quem destruiu os incrédulos.

Este é um aviso sério para os crentes do Novo Testamento. A incredulidade é um pecado destrutivo. E mesmo os crentes não estão isentos da operação das leis de Deus — salvo se se arreperderem do seu pecado, a retribuição não pode ser evitada.

VERSO 6 - OS ANJOS CAÍDOS

O segundo exemplo escolhido por Judas é o julgamento dos anjos caídos. Estes anjos não são os mesmos que estão livres de andar e actuar segundo a direcção do seu mestre, Satanás. Estes anjos, de que Judas fala, estão presos em cativeiro até ao Julgamento Final. A sua rebelião deve ter tido um grau superior, e por isso, merecem a perda da sua liberdade e a possibilidade de actuarem nas trevas. Há duas referências na Bíblia a estes anjos: Judas 6 e 2Pedro 2:4. Pedro usa a expressão «anjos que pecaram». Judas é mais explícito, e revela-nos que estes anjos estão condenados por causa de terem perdido o seu estado/natureza original.

Há alguns comentadores que relacionam as passagens de Judas e de Pedro com Gén. 6:2, onde os «filhos de Deus» pecaram contra Deus, cruzando-se com mulheres (humanas), e por causa desse pecado abominável, Deus condenou esses anjos ao inferno, e destruiu o resultado de tais ligações com o dilúvio. A Septuaginta usa o mesmo termo de Gén.6:2 («anjos») em Job 1:6; 2:1; 38:7; Sal. 29:1; 89:6 e Dan. 8:25.



Há, porém, outros comentadores que rejeitam a interpretação acima indicada, considerado-a mais especulação que revelação. Para nós, e para o propósito deste breve comentário, concluímos que a principal causa da culpa destes anjos foi terem ultrapassado os limites estabelecidos por Deus para os mesmos, e o resultado foi a sua queda e a sua ruína. Qual o meio concreto pelo qual chegaram a este resultado, não nos é revelado na Escritura.

VERSO 7 - SODOMA E GOMORRA

O terceiro exemplo demonstrativo do perigo dos falsos mestres era ainda mais relevante relativamente às condições de vida no tempo de Judas. Mas não apenas para aqueles dias. O aviso aplica-se igualmente aos dias em que vivemos, muito próximos da consumação do século XX.

As cidades de Sodoma, Gomorra, Adama e Zeboim, com a sua imponente imoralidade são apresentadas como ilustrações para o julgamento do pecado (Gn. 19:24; Dt. 29:23; Os.11:8). Estas cidades evidenciaram-se pela sua conduta vil e vergonhosa. Envolveram-se na fornicção e naquilo a que o escritor designa “*ido após outra carne*”, ou seja, homossexualidade. Judas usa esta imoralidade abjecta como ilustração do carácter abominável dos falsos ensinadores, contra quem esta epístola é escrita.

Um antigo Puritano, Thomas Manton (1620-1677) escreveu: “A escola de Simão, os Nicolaitas e os gnósticos, tornaram-se execrandos, envolvendo-se em prevaricação monstruosa e abominável, idêntica à dos Sodomitas, e por isso sujeitos à destruição como Sodoma”.

O pecado dos anjos caídos do v.6 foi uma transgressão deliberada, ultrapassando limites proibidos. O pecado das cidades condenadas no verso 7 foi a imoralidade perversa, particularmente a homossexualidade. Há aqui um paralelismo, evidentemente. Ambos ultrapassaram os limites traçados por Deus, e ambos foram punidos com a respectiva condenação.

Estes avisos devem ter soado fortemente naqueles para quem Judas estava a escrever, e certamente devem tê-los feito pensar seriamente antes de aceitarem o ensino herético apresentado pelos mesmos (v.4).

Os três exemplos usados por Judas nos versos 5 a 7 são um sério aviso, para nós, de que o pecado tem sempre retribuição. Os pecados mencionados não se confinam ao tempo em que foram cometidos, ou mesmo aos dias em que Judas viveu. Eles são um problema crucial do século XX em que vivemos. A descrença, a ambição auto-suficiente e a perversão sexual são bem comuns na actualidade, e — surpreendentemente — não são considerados pecados em alguns círculos religiosos. São descritos como legítimas alternativas da forma de vida, mas Deus chama-os de *pecado*, e somente Deus tem a palavra final — tão certo como a luz do dia é seguida das trevas da noite, todos os que persistem no seu pecado descobrirão um dia que todo o seu pecado lhe trará punição.

Contudo, o arrependimento e a fé no Senhor Jesus Cristo trazem perdão e eterna salvação: “*O sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado*” (1.João 1:7); “... *ainda que os vossos pecados sejam como escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã*”.

IV . O DESTINO DOS FALSOS MESTRES Versos 8 a 19

Esta é a maior secção da epístola, e refere-se aos falsos mestres que vinham espalhando as suas falsas doutrinas. Pela descrição que lhes é feita, pregavam uma mistura de Nicolaitaísmo e Gnosticismo. O primeiro era um grupo de pessoas presentes na Igreja de Éfeso, cujas obras o Senhor detestava e que obtiveram a Sua reprovação (Apoc. 2:6). Essa doutrina era igualmente defendida por alguns da Igreja em Pérgamo (Apoc. 2:15). Eram seguidores próximos de Nicolau de Antioquia, o qual ensinava a lascívia sexual extrema, desrespeito pela autoridade e a gula irrestringível.

A sua doutrina era similar àquela pregada outrora por Balaão que influenciou os Israelitas a comer alimentos oferecidos (sacrificados) aos ídolos e a cometer fornicção (Apoc. 2:14,15). O Gnosticismo era, por sua vez, uma forma de ensino que professava a exigência de um conhecimento espiritual particular e especial. Apresentava-se — de uma forma algo mística — como uma aliada muito próxima do ocultismo. A caracterização básica encontra-se descrita nos versos 8 a 16.

VERSOS 8 a 10

Judas descreve estes falsos mestres como adormecidos que contaminam a sua carne com os seus sonhos. A frase "*semelhanemente adormecidos*" (versão Almeida) é mais correctamente traduzida como "*sonhadores alucinados*" (versão Brasileira Actualizada), e sugere que estes homens pretendiam ver as suas acções justificadas por certas visões que alegadamente tinham recebido. Compare Deut. 13:1-5. Estes "*sonhos*" conduziram aos resultados mencionados no versículo 8 — a contaminação da carne, a rejeição da autoridade e o vitupério (falar mal) das dignidades. Estes homens consideravam-se superiores aos outros cristãos orgulhando-se na reivindicação de lhes ter sido dado um conhecimento especial. Todavia, as suas práticas ímpias, os seus vícios contra-natura a sua indecorosa imoralidade e o seu total desrespeito por toda e qualquer lei da natureza eram piores que as práticas dos povos pagãos que os circundavam.

Existe uma passagem paralela na segunda epístola de Pedro (cap. 2:10-11), onde Pedro os descreve como "*aqueles que, segundo a carne, andam em concupiscências de imundícia*". Em consequência, acumulam impureza para a sua própria causa como uma regra de vida. Não é necessário um grande raciocínio para concluir que estes versos, embora escritos há quase 2.000 anos atrás, continuam relevantes para a sociedade actual. A «legalização» do adultério e a pornografia, que

constitui aliás um negócio multi-milionário, são sinais da padronização de uma sociedade permissiva, em tudo semelhante à que vivemos, num absoluto desrespeito pela autoridade, numa recusa determinada em aceitar as regras da lei e da ordem. A História repete-se várias vezes em si própria.

A palavra usada no verso 8 (*dominação* — versão Almeida e *governo* — versão Brasileira Actualizada) é a tradução da palavra grega "*Kyriotes*", a qual é usada apenas 4 vezes no Novo Testamento (Efes. 1:21, Col. 1:16; 2 Ped. 2:10 e Judas 8). A frase significa precisamente a rejeição da autoridade governamental, um espírito de revolta. Por outro lado, pode significar igualmente a recusa do controle Divino na vida pessoal.

Estes homens *falavam mal* (vituperavam) as dignidades. Judas contrasta a arrogância daqueles homens com a conduta do arcanjo Miguel quando contendia com Satanás a respeito do corpo de Moisés. Miguel não ousou pronunciar qualquer juízo de arrogância ou de maldição, mesmo contra o diabo. Ezequiel 28:11-19 conta-nos que Satanás ocupou, em tempos, uma das posições mais elevadas na Criação, e em Job 1:6 e 2:1 lemos que ele ainda detém o direito de aparecer junto da presença de Deus de tempos a tempos. Miguel era (e é) um dos príncipes dos chefes na hierarquia angélica (Dan. 10:13 e 12:1), no entanto, ele não repreendeu Satanás, limitando-se a pronunciar a seguinte declaração: "*O Senhor te repreenda*".

Onde foi Moisés sepultado ? Não se conhece o local exacto. Deut. 34:6 refere que ele foi sepultado "*num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor*". É bem sabido que a veneração de homens famosos tem conduzido à idolatria, por isso é essencial que o local exacto da sepultura de Moisés deva permanecer desconhecido. Se fosse conhecido, podemos imaginar o número de peregrinos de todos os lugares, e a arguição de custódia do local por vários grupos religiosos.

O discurso arrogante (supra referenciado) destes homens era acompanhado de uma ignorância espiritual. Judas escreve que estes homens "*dizem mal do que não sabem*". Um antigo escritor disse: "*o contexto não deixa qualquer dúvida que a região das coisas que eles não sabem refere-se aos espíritos — bons e maus*". Mas apesar da sua ignorância, não deixaram de falar mal.

Por outro lado, tinham um conhecimento instintivo da vida física, mas mesmo nesta área mostravam o seu carácter maligno. Há aqui uma referência clara aos impulsos naturais do desejo sensual que estes falsos mestres compreendiam muito bem, mas que eles pervertiam para a mera gratificação da luxúria numa maneira contrária à natureza. O leitor não tem qualquer dificuldade em reconhecer isto como uma referência à presente concepção da moralidade. Há nos dias de hoje uma indulgência quase total relativamente a pecados que escandalizavam a geração anterior. Se um Deus Santo não podia tolerar o pecado há dezanove séculos atrás, não há qualquer razão para crer que Ele o tolere nos dias de hoje.

VERSO 11

É evidente que esses pseudo-cristãos eram caracterizados por uma falta total de espiritualidade. Quando Judas contemplou a impureza moral e a fraqueza espiritual destes homens malignos, ele não se pôde conter em si mesmo. "*Ai deles*", lamenta. Estas palavras eram mais propriamente de profecia do que de maldição. A sua repugnância perante aqueles pecados poderia ter provocado uma maior condenação, mas apenas referenciou que estes homens caíram no *engano*. Conclui que estavam longe de qualquer esperança e que inevitavelmente, a punição os aguardava.

Então, Judas retira do Antigo Testamento mais três exemplos: CAIM, BALAÃO E CORÉ.

① Refere que os falsos mestres "*entraram pelo caminho de Caim*". A história de Caim é bem conhecida (Gen. 4). O Apóstolo João resume sucintamente nos seus escritos o incidente de Caim — 1João 3:12. Não há dúvida que Adão instruiu os seus dois filhos no único caminho aceitável para se chegarem a Deus, ou seja, pelo caminho do sacrifício dos animais. Caim, porém, constituiu a sua oferenda dos frutos que ele tinha «produzido» a partir do campo, o qual, por sua vez, tinha sido amaldiçoado. O animal sacrificado no altar era o reconhecimento do pecado do oferente, e de que a sua expiação só podia ser operada pela morte de outrem. Caim declinou o reconhecimento do pecado e a sua necessidade de reconciliação com Deus. Quando a sua oferenda foi rejeitada, ele colerizou-se, irou-se (a atitude espiritual teria sido a de humildade) e assassinou o seu irmão. Posteriormente, foi posto fora da presença de Deus e habitou na terra de Nod. Ao ódio seguiu-se o homicídio e logo depois a apostasia. Judas diz (verso 11) que este era o carácter dos falsos mestres daqueles dias. O espírito da ira e da morte podia ser encontrado neles, e tinham-se afastado de Deus. A sua persistência no pecado era demonstrada no seu desprezo pelo verdadeiro significado do Calvário (Gal. 6:14). Tinham entrado pelo caminho de Caim, um homem ímpio e carnal.

② Depois, Judas cita a história de Balaão (Num. 22-24). As tribos de Moab e Midiam solicitaram a ajuda de Balaão, um profeta mercenário, de forma a amaldiçoar os Israelitas e impedir, desse modo, que estes invadissem os seus países. Apesar da proibição divina, Balaão pretendeu reclamar o benefício oferecido por Balaque. As suas tentativas de amaldiçoar Israel foram completamente ineficazes, e foi compelido a abençoar Israel. Completamente frustrado, Balaão propôs que os Israelitas deviam ser convidados pelas mulheres de Moabe para participar nos festivos religiosos de Moabe. Estas festas constituíam ocasiões de comportamentos licenciosos e dissolutos e Baal era "um deus moabita em honra do qual as virgens e

as mulheres se prostituíam entre si” (Kiel). Os Israelitas foram atraídos e tomaram parte nos sacrifícios oferecidos aos deuses pagãos e em prazeres imorais associados à adoração idólatra — Num. 25:1-3; 31:16.

Em Apocalipse 2:14.15 o ensino de Balaão surge associado ao ensino dos Nicolaitas. Tertuliano descreve estes como gnósticos e libertinos, de quem também Sir William Ramsay diz que « procuraram reter na vida cristã práticas que estavam em oposição directa com os princípios essenciais do Cristianismo».

Pedro descreve Balaão como aquele que “*amou o prémio da injustiça*” (2Pe.2:15), o que confirma a referência de Judas acerca da avareza desse homem.

Logo, daqui pode deduzir-se que os ensinadores heréticos que apareceram entre os crentes, abandonaram os princípios cristãos em favor do proveito material e preocuparam-se apenas com aquilo que poderiam obter da comunidade cristã como pagamento dos seus serviços. Tal como Balaão, eles encorajaram outros a práticas imorais. Eram seguidores do erro de Balaão.

③ Seguidamente, Judas acusa estes falsos mestres de revolta espiritual. Descreve a sua rebelião como comparável à revolta de Coré contra Moisés. A sua rebelião foi contrária à revelação e autoridade Divina. Em Números 16:1-35 lemos de uma revolta bem planeada, Coré, Datã, Abirão, Om e outros 250 príncipes de Israel acusaram Moisés de ter adoptado uma posição que o mesmo nunca se tinha intitulado. A sua rebelião não durou mais do que o tempo necessário para a terra se abrir sobre os seus pés tragando a sua vida e a das suas famílias. A importância das palavras de Judas consiste precisamente no facto de que os falsos mestres irão um dia perecer sob a ira do Senhor Todo-Poderoso.

Estes três exemplos (Caim, Balaão e Coré) eram e são, ainda hoje, bastante pertinentes. Caim, pela carnalidade, malícia e crueldade; Balaão, pela avareza e sedução e Coré pela rebelião contra a autoridade Divina. Não podia haver, nem pode haver escape para quem seja como eles no dia de hoje.

V. ENGANO E HIPROCRISIA**Versos 11 e 12**

Era prática da Igreja do primeiro século reunir-se juntos, usualmente semanalmente, mas em alguns casos de forma mais frequente, para uma refeição, almoço ou jantar. Esta era conhecida pela *feita do amor* (agapé). Todos contribuíam com comida, quer fossem ricos ou pobres, e todos se reuniam sobre a base comum de terem sido salvos pela graça. As distinções sociais eram ignoradas. Era igualmente usual que a Ceia do Senhor fosse celebrada quer no princípio, quer no fim dessa *feita do amor*. Paulo, na sua epístola aos Coríntios teve que repreender alguns que degradavam o significado da comunhão nesta reunião por causa da sua conduta desordeira — 1. Cor. 11:22,23.

Esses, de quem Judas (e Pedro) escreve, participavam igualmente nessas reuniões, e em vez de ser uma ajuda e bênção para os crentes, tornaram-se verdadeiramente um perigo para eles. Como ensinadores, deveriam alimentar o rebanho, mas eles apenas se alimentavam a si próprios e entregando-se às suas práticas pecaminosas perturbavam a decência e a crença espiritual. Judas usa cinco ilustrações da natureza para mostrar o vazio e a influência degeneradora desses homens. Todas as ilustrações revelam a Natureza fora da harmonia em comparação à glória do seu propósito.

As *nuvens sem água* são completamente inúteis para os agricultores que esperam as chuvas para os seus campos. Assim são os «ensinadores» que são incapazes de transmitir refrigério espiritual.

As *árvores infrutíferas* podem ser promissoras à distância, mas não satisfazem. Estes homens, de quem Judas fala, eram enganosos e falazes. Tinham a aparência de folhas, mas não tinham qualquer fruto. Árvores assim estão duplamente mortas, e o seu fim é serem cortadas e lançadas ao fogo — Mat. 8:20. *Duas vezes mortos* em relação a estes falsos mestres significa, provavelmente, primeiramente mortos nos seus pecados (Ef. 2:1), e também, depois de professarem a conversão, mortos para as boas obras (Tiago 2:17,26).

As *ondas impetuosas do mar* constituem, outrossim, uma ilustração bastante adequada. O mar nunca está calmo e as suas ondas batem incessantemente na costa, ali depositando todo o lixo que polui o oceano. Assim eram aqueles falsos mestres. Inquietos e instáveis, demonstravam o seu carácter na impureza que deixavam para trás — Is. 57:20.

As *estrelas errantes* estão reservadas para sempre para a escuridão das trevas. Todas as estrelas têm a sua órbita e mantêm o seu espaço nas galáxias e contribuem igualmente com luz reflectida no céu. Mas estes homens, tal como estrelas fora do

controle, tinham uma aparência irregular. Podiam iluminar num momento o céu, mas rapidamente desapareciam. A sua condenação estava determinada; a escuridão das trevas estava, pois, reservada. A fuga das consequências das suas ações era impossível, e a punição era inevitável e eterna.

VI. A PROFECIA DE ENOQUE

Versos 14 e 15

Enoque iniciou a sétima geração na história do Homem (Gen. 5:1-19), e Judas confirma-o no verso 14. Ele referencia uma profecia de Enoque, mas acerca dessa profecia não há qualquer menção na Escritura. As referências a Enoque na Bíblia são muito escassas. A sua história está relatada em Gen. 5:18-24 e revela simplesmente que ele viveu durante 365 anos, que teve filhos e filhas, o primeiro dos quais foi Matusalém, e que ele, Enoque, caminhou com Deus e que Deus o tirou da terra. Hebreus 11:5 acrescenta que, por causa da sua fé, foi trasladado de forma que ele não conheceu a morte, sabendo ainda que antes da sua transladação, ele agradou a Deus. Nada mais é dito sobre Enoque e não há qualquer registo na Bíblia acerca de alguma profecia que tenha feito.

É possível, e muitas vezes aconteceu no passado, que uma profecia seja transmitida de pais para filhos ao longo de gerações. Judas pode ter sido inteirado sobre ela e citou-a na sua epístola. Um escritor informa-nos que as palavras dessa profecia são quase idênticas às que se encontram no livro apócrifo de Enoque (1 Enoque 1:9). Judas parece ter sido conhecedor desse livro e pode-o ter citado. É claro que isto não dá ao livro de Enoque qualquer estatuto de livro canónico. Ele diz-nos, no verso 14, que a profecia de Enoque se refere aos ensinadores de que estava escrevendo, mas ele também deve ter antecipado um tempo que ainda é futuro. Refere que o Senhor estava vindo com milhares dos seus santos (compare Deut. 33:2). Enoque viveu numa época de degeneração e apostasia que era comparável à época de Judas e igualmente ao actual século XX. Ele viu a Vinda do Senhor para o julgamento como sendo a única perspectiva para o mundo. A História repete-se a si própria ... qual outra perspectiva existe para o mundo de hoje ?

O Senhor vem para exercer julgamento sobre toda a culpa. Eles comparecerão perante Ele e convictos da sua conduta contrária à Vontade de Deus, as coisas ímpias que praticaram e toda a sua rebelião contra Ele. Todos os pecados são, em última instância, praticados contra Deus. Esta referência não é propriamente ao julgamento final do Grande Trono Branco (Apoc. 20:11-15), mas antes ao julgamento descrito pelo Senhor Jesus em Mateus 25:31-46, quando o Filho do Homem vier em toda a Sua Glória e Se sentar no Trono da Sua Glória. Aqueles que viverem nesse tempo enfrentarão o Juiz perante os crimes que eles cometeram. O dia do ajuste de contas não pode ser evitado, e todo e qualquer detalhe da vida será trazido sob revista e a sentença pronunciada.

VII . OS MURMURADORES**Verso 16**

Uma outra descrição destes falsos ensinadores é, não obstante, uma descrição múltipla. Judas considera-os mais do que falsos mestres. Eles eram homens que tinham causado descontentamento e isso era evidente no seu próprio comportamento. Eram antagónicos à autoridade, sempre murmurando e queixando-se. Tal como Israel no Antigo Testamento, eles murmuraram rebelmente contra a autoridade e não estavam contentes com a sua posição ou da forma como Deus os guiava.

Estes homens seguiam as suas próprias concupiscências, conduzidos pelas suas paixões e desejos sensuais. Porque rejeitavam a autoridade de Deus, as Suas Leis não tinham qualquer efeito neles e estavam satisfeitos consigo mesmos da forma como viviam. Não apenas fizeram isto, como encorajaram outros a fazerem o mesmo. Era uma negação básica dos princípios do Cristianismo. A arrogância dominava o seu pensamento e consideravam-se superiores em sabedoria, olhando com desdenha para os cristãos «comuns». As suas queixas estavam vazias de substância e a sua arrogância provava a sua carnalidade.

Que o leitor tome nota. Apesar de Judas estar a escrever sobre homens ímpios do seu tempo, que invadiram as igrejas com o seu falso ensino e com desprezíveis maneiras de estar na vida, as suas palavras podem ser facilmente aplicadas nos dias em que vivemos. Há um velho ditado que diz: *“nem tudo o que reluz é ouro”*. Há actualmente muitos falsos mestres que procuram retirar os crentes da verdade sólida da Palavra de Deus. Isto interessa a cada um de nós e especialmente àqueles que têm responsabilidade na guarda e condução do rebanho de Deus, para testarmos os espíritos a ver se são de Deus e para levantarmos, rapidamente, a verdade de Deus. Estes falsos mestres são como *icebergues*. Podem parecer relativamente inofensivos, mas são frios e maus, residindo o seu maior perigo debaixo da superfície.

VIII . CONSELHOS PRÁTICOS**Versos 17 a 23****VERSOS 17 e 18**

Depois de avisar os crentes acerca dos homens ímpios que tinham invadido os grupos de cristãos, Judas procura dar algumas palavras positivas para a sua conduta.

Lembra-os dos fundamentos dos apóstolos e desta forma reafirma que os cristãos devem ser cuidadosos, contudo não devem ficar alarmados porque a presença de

homens ímpios já tinha sido predita. Por exemplo, compare Marcos 13:5-23; Actos 20:29-31 e 2 Tessalonicenses 2:3-12. Judas pode ter-se referido a predições orais que eram bem conhecidas dos cristãos, ou pode ter pensado numa profecia específica, tal como a contida em 2 Tim. 3:1-6. O Espírito Santo inspirou os escritores a tratarem destas matérias, bem assim sobre os Nicolaitas e as filosofias gnósticas.. Por exemplo, a epístola aos Colossenses foi escrita para tratar, com detalhe, a teoria gnóstica. Deste modo, Judas está verdadeiramente a dizer que a Igreja não deve procurar nenhuma revelação nova, antes deve considerar o que já entretanto tinha sido escrito. E mais uma vez, aquilo que era aplicável no tempo de Judas continua a ser aplicável actualmente. Ainda persistem muitos escarneceadores que rejeitam o ensino claro e puro da Palavra de Deus, preferindo viver de acordo com os padrões do deus deste mundo.

VERSO 19

Estes, diz Judas, “*são os que causam divisões*”. Reclamavam para si um conhecimento particular e especial, uma santidade especial que os distinguia dos demais. Deliberadamente criaram divisões e conseqüentemente, negaram a unidade da Igreja — Efésios 4:3,4. E, curiosamente, têm muitos seguidores nos dias de hoje, os chamados «crentes» que reclamam um dom ou conhecimento especial, que dizem ter recebido uma maior luz do que o crente comum. Esta atitude sectária, esta atitude de divisão não procede de Deus, antes é carnal e anti-espiritual.

O Espírito Santo, através de Judas, descreve-os como “*sensuais*”. A palavra grega é «psychicos», que significa verbalmente *propenso* para o *material*, o homem natural de 1 Cor. 2:14. Estavam preocupados apenas com a sua própria importância e com os seus desejos, não pensando em manter a unidade do Espírito no vínculo do amor. O seu trabalho de produzir problemas e causar divisões constituía uma contradição com o trabalho do Espírito Santo na unidade dos santos. As suas atitudes e maneira de vida mostravam que não possuíam o Espírito Santo, apesar de o professarem, não sendo, por conseguinte, verdadeiros Cristãos.

VERSOS 20 e 21

Há algum tempo atrás, um prédio de 14 andares na cidade de Matosinhos caiu subitamente no solo. Era um edifício novo e, felizmente, não estava habitado, pelo que ninguém se feriu. Foi referido que a razão para esta queda residia no facto de que o material usado na construção era de qualidade inferior ao desejável. Quase na mesma altura, um outro edifício na cidade de S.João da Madeira começou subitamente a decair, ficando exposto num ângulo oblíquo. Era igualmente um edifício de apartamentos, mas neste caso a fundação não era suficientemente sólida para o suportar.

Judas exorta-nos (verso 20) a *edificarmo-nos a nós mesmos sobre a nossa santíssima fé* — ou seja, a certificarmo-nos que temos a nossa vida cristã bem assente num fundamento sólido, que construamos a nossa vida nas qualidades eternas que permaneçam e resistam às vicissitudes (terramotos) da vida.

A *fé que uma vez foi dada aos santos* (v.3) é o fundamento da vida cristã. Esta é a sólida rocha sobre a qual os crentes podem construir. Por isso, Judas encoraja-os a edificarem-se sobre a santíssima fé.

Note as quatro palavras chave deste verso — *construir (edificar), orar, conservar (sustentar) e esperar*. Cada crente tem a responsabilidade pessoal de construir, de se fortalecer a si próprio através da sã doutrina e de entender que apenas com uma alimentação contínua da Palavra de Deus pode a edificação ser atingida.

Esta responsabilidade e esforço pessoais não significa ignorar a obra do Espírito Santo. Assim, Judas exorta os crentes de então (e a nós também) a *orar*. A oração é essencial para o bem-estar da vida cristã e orar no Espírito significa apresentar as nossas súplicas tal como o Espírito Santo as indica. Isto não significa o repetir de frases bem conhecidas ou utilizar vãs repetições. Na generalidade, os crentes em muitas igrejas precisam de aprender muito acerca da oração. Temos a impressão que aqueles que oram longamente nas reuniões em público, oram muito pouco, privativamente em casa. A oração é aquela comunhão com Deus que apenas pode provir de um coração em plena comunhão com Ele. É desta forma que a vida cristã é nutrida e sustentada.

“*Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus*”, diz Judas. Apenas no amor de Deus há segurança e refúgio da má doutrina. O amor de Deus é imutável, mas o nosso gozo de tal amor flutua. Temos a tendência de nos afastarmos do amor de Deus por causa da nossa ligação ao mundo. Há tanta pressão no crente de hoje para se conformar com os padrões do mundo que não é difícil encontrar um crente fora do gozo do amor de Deus. A exortação de Judas é muito relevante e necessária na actualidade e nós somos responsáveis para nos mantermos numa condição espiritual que nada possa impedir que o amor de Deus abunde em nós e por nós (Heb. 3:12).

Finalmente, Judas exorta a *esperar na misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna* (verso 21). A nossa relação com Deus é o resultado da Sua Misericórdia, porque pela Sua misericórdia somos guardados dia após dia e é igualmente através da Sua misericórdia que podemos entrar na Sua presença. A total revelação e entendimento da Sua misericórdia será realizada na Vinda do Nosso Senhor Jesus Cristo. Então conheceremos total e perfeitamente como Ele é misericordioso. Já conhecemos em parte, já agora gozamos da vida eterna, mas a medida total e completa de tal vida espera pela Sua Vinda. É por isso que o crente ansiosamente espera por esse momento e almeja pelo Seu Senhor.

VERSOS 22 e 23

Os falsos mestres ou mesmos os falsos cristãos só causam problemas, criando facções nas igrejas locais. Os versos 22 e 23 revelam aos verdadeiros irmãos as suas responsabilidades em tais circunstâncias adversas. Apesar de Judas ter escrito directamente acerca de ensinadores heréticos, não ignorou a possibilidade da recuperação espiritual de alguns deles. Pode ter sucedido que alguns estivessem verdadeiramente arrependidos e necessitassem carinho e ajuda. Alguns podem ter sido tocados pelo Espírito Santo e estavam desejosos de deixar os seus caminhos pecaminosos e voltar para o Senhor. A misericórdia e compaixão que os crentes encontraram em Cristo devia ser também agora manifestada nestes homens. É necessário discernimento espiritual para o crente tratar com estas pessoas.

Outros seriam salvos pelo medo, ou seja, no medo que os salvos tinham de ser contaminados através do contacto com os culpados. Eles deveriam ser retirados do fogo e colocados em segurança nesse momento crítico. Compare Zac. 3:2 e Amós 4:11. Aquele que libertasse o culpado deveria lavar os vestidos com as suas manchas corrompidas (Lev. 15:4,17), mas a compaixão pelo pecado e o desejo da sua salvação não deveria negar a repugnância do seu pecado.

IX . DOXOLOGIA**Versos 24 e 25**

A doxologia é uma expressão de adoração, é louvor, é a contemplação da glória inefável de Deus.

Judas relembra os seus leitores da sua esperança gloriosa e da sua presente protecção. Ele descreveu os caminhos nos quais homens sem escrúpulo algum tentaram afastar os crentes dos caminhos da rectidão. Agora ele ergue a sua voz em louvor ao Senhor que os pôde (e pode a nós) guardar da queda. É propósito Divino sustentar o Seu povo até ao fim e de o apresentar sem mácula na presença da Sua glória com regozijo. “Isto, em contraste com o engano moral e espiritual dos falsos ensinadores” (F. A. Tatford).

Nestes versos finais há uma nota de excelsa exaltação e de sobre-elevada alegria. Nós estamos tão preocupados com o nosso futuro eterno e com a alegria que iremos experimentar, que tendemos a esquecer o que significa para Deus, Nosso Pai, ter todos os Seus filhos juntos dEle. Pense num pai humano cujos filhos tenham saído para longe. Depois, todos eles regressam a casa e se reúnem à volta dele. Quão alegria e regozijo deve ele sentir sobre os seus amados. Multiplique isto dez mil

vezes por dez mil vezes e teremos alguma ideia da alegria que haverá no céu quando todos os redimidos se reunirem junto do Senhor, ao redor do Seu trono.

Numa final explosão de louvor, Judas atribui glória, majestade, domínio e poder (soberania) ao Único Sábio Deus e Salvador, Jesus Cristo, Nosso Senhor. Ele é digno de toda a honra, de todo o louvor e de toda a lealdade e obediência do coração humano. Desde agora e para todo o sempre.

A DEUS SEJA A GLÓRIA.
AMÉN.

